



SÍFILIS: A “GRANDE IMITADORA” SOB O OLHAR DAS ARTES ATRAVÉS DOS SÉCULOS

*SYPHILIS: A GREAT IMITATOR UNDER THE LOOK OF THE ARTS
THROUGH THE CENTURIES*

Jane Francinete Dantas

Doutoranda em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra.

E-mail: jane.dantas@lais.huol.ufrn.br

Aline de Pinho Dias

Doutora em Educação com ênfase em Metodologias Inovadoras no Ensino da Saúde.

E-mail: alinepinhodias@gmail.com

Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim

Doutor em Engenharia Elétrica e de Computação com ênfase em Inovação em Saúde.

E-mail: ricardo.lahb@gmail.com



RESUMO

Procura-se, neste texto, fazer uma revisão bibliográfica acerca da sífilis e seu impacto na arte, e apresentar um estudo sobre como essa doença influenciou várias especialidades artísticas. Para tanto, foram selecionadas cinco obras, de distintas épocas, e feita uma análise sobre a relação entre a enfermidade, o artista, e o produto artístico. Evidencia-se, no presente estudo, que o discurso sociológico e ideológico de cada época se vê representado em todas as obras e, em alguns casos, trazem à tona questões que permanecem atuais, como migração populacional e disseminação de doenças, desconfiança e ignorância frente ao conhecimento científico, tabu e polêmica em relação a temas que envolvem a sexualidade humana, populismo e fragilidade dos poderes diante de calamidades e eventos como a epidemia de sífilis.

Palavras-chave: Sífilis. Epidemia. Arte. *Treponema Pallidum*. Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

ABSTRACT

In this text, a bibliographical review about syphilis and its impact on art is sought, and a study is presented about how this disease influenced several artistic specialties. Five works were selected, at different times, and an analysis was made on the relation between the illness, the artist, and the artistic product. It is evident in the present study that the sociological and ideological discourse of each epoch is represented in all works, and in some cases, bring up issues that remain current, population migration and dissemination of diseases, mistrust and ignorance towards knowledge scientific, taboo and controversy regarding issues involving human sexuality, populism and

fragility of powers in the face of calamities and events such as the syphilis epidemic.

Keywords: Syphilis. Epidemic. Art. Treponema Pallidum. Sexually Transmitted Disease (STI).

INTRODUÇÃO

Será possível, senhor, que a natureza tenha unido tão espantosos tormentos a um prazer tão necessário, tanta vergonha e tanta glória, e que haja mais riscos em fazer um filho do que em matar um homem?” – perguntou o Homem dos Quarenta Escudos (VOLTAIRE, 1768, p. 93).

A história e evolução das “doenças sociais”, como são conhecidas a sífilis, a tuberculose e a hanseníase, entre outras, estão intrinsecamente ligadas ao próprio desenvolvimento da história da sociedade desde os primórdios da vida humana, e revelam aspectos importantes, acerca da forma como essa mesma sociedade se desenvolve do ponto de vista ético, econômico, político, social e artístico.

A sífilis é uma das infecções sexualmente transmissíveis (IST) mais prevalentes em todo o mundo, e foi intitulada no âmbito da medicina interna por Sir William Osler como sendo a “grande imitadora” (MARADO *et al.*, 2013), não só por apresentar formas clínicas diversas, como também por cursar, muitas vezes, com uma evolução complexa, podendo levar, a depender de seu estadiamento e condições do paciente, a um quadro de incapacitação física e/ou mental, assim como evoluir para o óbito.

Essa enfermidade surgiu no continente Europeu em um momento histórico de grande inquietação, onde paradigmas teocêntricos e religiosos internalizados durante a idade média passaram a ser duramente questionados, e a defesa do estado laico

e do racionalismo configuraram o início do período denominado Renascimento. A cultura, as artes e a ciência passam a expressar esse novo e efervescente período.

A origem da sífilis é motivo de discussão nos meios acadêmicos desde a sua primeira identificação enquanto agravo por Cumano, médico das tropas Venezianas, até os nossos dias. Alguns teóricos alegavam que a sífilis era originária da África Central ou que já existia na Europa, outros, no entanto, afirmavam que a sífilis era originária das Américas, onde existia de forma endêmica, e chegou até a Europa em março de 1493, após o retorno do italiano Cristovão Colombo, à época navegador e explorador, que havia partido da Europa e chegado ao continente americano em 1492. Ao retornar à Europa, a tripulação de Colombo, que havia adquirido a sífilis, passa a transmitir a enfermidade (LOPES, 2014).

De acordo com relatos históricos, houve um incremento dos casos após o início da campanha militar do rei da França Carlos VIII e a invasão perpetrada por ele contra a Itália no ano de 1494 (GERALDES NETO *et al.*, 2009). Na época, seu exército tinha em torno de 12 mil homens, muitos desses mercenários vindos de diversos países. Durante e após as invasões, no exército, as comemorações se transformavam em orgias, com a presença de prostitutas, tendo por isso recebido a alcunha de “a guerra da fornicção”. No ano de 1495, Carlos VIII, invade a cidade de Nápoles, e são identificados os primeiros casos de sífilis, em dois dos seus comandados. Após o término da guerra, o exército se dispersa, e seus componentes infectados retornam aos seus países, disseminando a sífilis por toda a Europa, ocasionando a primeira epidemia no século XV e, conseqüentemente, a morte de milhares de pessoas.

Neste estudo, buscamos fazer uma reflexão acerca da sífilis, e a repercussão do seu acometimento sobre os indivíduos durante os séculos, e de que forma, por meio dessa historicidade, pode ser evidenciada

a sua influência as diversas artes como, por exemplo, a pintura, a literatura, escultura e o cinema. Vários conceitos estéticos, humanos, éticos e ideológicos podem ser observados na obra dos artistas que buscaram compreender esse fenômeno social, traduzi-lo e apresentá-lo à sociedade na forma de um produto artístico. Também buscamos conhecer a realidade na qual esses artistas estavam inseridos, e qual seu papel enquanto agentes questionadores e transformadores dessa sociedade.

CONTEXTUALIZANDO A SÍFILIS ENQUANTO IST

A sífilis é classificada como uma infecção sexualmente transmissível (IST), sendo uma doença de natureza infectocontagiosa, crônica, sistêmica, de caráter endêmico, que, devido a falhas na prevenção e controle, pode assumir uma proporção epidêmica. Seu agente etiológico é a bactéria *Treponema Pallidum*, identificada pela primeira vez em 1905 por Fritz Richard Schaudinn (DE SOUZA, 2005).

Essa enfermidade apresenta várias manifestações clínicas e alta transmissibilidade, podendo seu contágio ocorrer de forma horizontal a partir de relação sexual com pessoa infectada, ou vertical, no caso da sífilis congênita, transmitida da mãe para o feto durante a gestação ou parto (STAMM, 2015). Seu diagnóstico pode ser realizado por meio de teste não treponêmico, o Venereal Disease Research Laboratory (VDRL), ou treponêmico no caso o teste rápido (TR).

Esse agravo apresenta fases distintas, a saber: primária, secundária, latente e terciária, com características específicas em cada estadiamento. Os sinais e sintomas variam desde uma ferida, muitas vezes única, no local de inserção da bactéria (pênis, vulva, vagina, colo uterino, ânus, boca etc.), até o aparecimento de ínguas, lesões exantematosas, hipertermia e cefaleia, podendo evoluir, na forma terciária, com um espectro

mais sistêmico, cursando com lesões ósseas, neurológicas, cardiovasculares, e podendo em alguns casos incidir em óbito. No período de latência, os sinais e sintomas não estão presentes. A fase terciária pode ocorrer de dois a quarenta anos a partir do contágio (STAMM, 2015). O tratamento tem como droga de eleição a penicilina, com eficácia comprovada, e de baixo custo.

O principal método de prevenção preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) diz respeito ao uso de preservativos. Em 2017, após um exponencial aumento de casos, foi deflagrada no Brasil, uma epidemia de sífilis pelo Ministério da Saúde. Segundo os dados do Boletim Epidemiológico da Sífilis 2018, foi evidenciado que o número de casos de sífilis adquirida passou de 44,1/100 mil habitantes para 58,1/100 mil habitantes; no grupo de gestantes, o aumento foi de 10,8 casos/mil nascidos vivos para 17,2 casos/mil nascidos vivos; e na sífilis congênita, o aumento foi de 21.183 para 24.666. Observou-se ainda que o número de óbitos por sífilis congênita aumentou de 195 para 206 casos (BRASIL, 2018).

A ENFERMIDADE, O ARTISTA, E O PRODUTO ARTÍSTICO

Foi observado, na investigação, que vários artistas tiveram suas obras influenciadas, direta ou indiretamente, pela sífilis. Muitos desses tiveram sífilis e alguns desenvolveram formas graves da doença (MORTON, 1990), como cegueira, paralisia, estados demenciais e morte. Dentre esses que contraíram a enfermidade, encontram-se o escultor Bevenuto Cellini, os pintores Paul Gauguin, Édouard Manet e Toulouse-Lautrec, e os músicos Franz Schubert, Robert Schumann, Hugo Wolf e Niccolò Paganini (REMPELAKOS *et al.*, 2014).

Na pintura, entre os pintores que retrataram a sífilis, temos Toulouse-Lautrec Monfa que pintou em 1894 o quadro "A Inspeção Médica no Prostíbulo da Rue des Moulins", e Francisco Goya que pintou o quadro "Las Viejas" entre 1808 e 1810. Das várias obras cinematográficas, destacamos os filmes "Los Borgia" de António Hernandez, e "Alatriste" de Augusto Dias. Foi necessário, diante do grande número de artistas envolvidos com o tema proposto, fazer um recorte e, assim, foram selecionadas cinco obras em especialidades artísticas distintas, e que são apresentadas a seguir.

A sífilis, Benvenuto Cellini e "Perseus com a Cabeça de Medusa"

Bevenuto Cellini nasceu em 1500 e foi um dos maiores escultores renascentistas, também reconhecido por seu talento como ourives, escritor e músico. Era um gênio nas artes, mas tinha um comportamento controverso, se envolvendo em vários escândalos sexuais e homicídios, tendo relatado os fatos em sua autobiografia, escrita por ele mesmo (CELLINI, 1902). Seus atos sugeriam um misto de inconsistência e irresponsabilidade, similar aos comportamentos encontrados nas psicopatias (CLECKLEY, 1988).

Aos 29 anos de idade, ele contraiu sífilis e, ao entrar na segunda fase da doença, foi orientado a fazer uso de mercúrio, uma das opções de tratamento na época. Por temer os efeitos colaterais, ele recusou a medicação, dando preferência a aplicação de sanguessugas e loções. À medida que evoluía com o quadro sífilítico, Cellini contraiu a malária, e febre intensa produzida por esta, levou a uma remissão de sintomas da sífilis. Essa interação entre sífilis e malária foi comprovada 400 anos depois pelo médico psiquiatra Julius Wagner Jauregg, que inoculou sangue de um soldado com malária em um de seus pacientes, e obteve sucesso na remissão de sintomas em casos de demência paralítica causada pela Neurosífilis (TSAY, 2013). O fato lhe rendeu o prêmio Nobel.

Ao evoluir para a fase terciária da sífilis, surgiu um rumor de que Cellini estaria em estado terminal. Nesse período, envolveu-se em uma compra desvantajosa, e as pessoas com as quais ele negociou, tentaram envenená-lo, adicionando mercúrio a sua alimentação, porém, a dose administrada não foi suficiente para matá-lo, mas sim para curá-lo da sífilis (WOLF, 2005). Em resposta a esse ato contra a sua vida e a sua experiência com a sífilis, ele esculpiu em bronze uma obra-prima, denominada "Perseus com a Cabeça de Medusa" (Figura 1). Essa obra simboliza a sua vitória sobre a sífilis. A semelhança nos traços faciais de Perseus e Medusa remetem ao fato de que fitar a medusa é temeroso, porém necessário, no sentido de enfrentar os próprios temores. Se observarmos, Perseus está olhando para baixo, como que para interagir com os seus espectadores, do alto de seu pedestal, também esculpido por ele. O torso de Perseus é ornado com uma faixa com o nome "Bevenuto Cellini", como se ele próprio se apresentasse como sendo esse Perseus vitorioso. Sob os seus pés, derrotada, surge o corpo desfalecido da medusa, que ele pisa, como que querendo expressar a sua vitória sobre a serpente da sífilis, o mal do século.



Figura 1 - Perseus com a cabeça de medusa.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=431689>

No pedestal, Cellini esculpiu quatro deuses gregos: Zeus, Afrodite, Hermes, Palas e Athena. Mais uma simbologia é exibida na obra, pois o deus Hermes e a deusa Afrodite, são também conhecidos como Vênus e Mercúrio. Eles se encontram em justaposição no pedestal, como para simbolizar a causa e a cura da sífilis. Vênus é a deusa do amor e da beleza, e que deriva do latim *venereus* (relativo à Vênus), de onde deriva o termo doença venérea, que se atribui a qualquer infecção adquirida por relação sexual. Mercúrio, é o mensageiro dos deuses, e mercúrio era também, o medicamento utilizado para o tratamento da sífilis e que trouxe a cura para Cellini (WOLF, 2005).

Essa escultura além de representar a vitória de Cellini sobre os seus inimigos ou sobre a enfermidade que o atormentou, também expressa a sua genialidade, por meio da capacidade representativa, da beleza estética exibida em cada detalhe e do poder de transmissão de seu próprio sentimento interior enquanto criador.

Essa obra resistiu aos séculos e pode ser encontrada na Piazza della Signorina, em Florença, na Itália (WOLF, 2005).

A sífilis, Voltaire e o Iluminismo

François Marie Arouet nasceu na França, mais precisamente em Paris, no ano de 1694. Pertencente a uma família burguesa, adotou o pseudônimo de Voltaire, e foi um dos maiores expoentes do Iluminismo, junto com Rousseau e Montesquieu. Voltaire foi um proeminente escritor e filósofo, além de dramaturgo, poeta, ensaísta e historiador, tendo estudado no Collège Louis-le Grand, em sua cidade Natal, onde iniciou o curso de Direito, porém não chegou a finalizar. Era conhecido por seu temperamento forte e suas ideias revolucionárias, tendo frequentado a “Société du Temple”, uma associação onde se reuniam de libertinos a livres pensadores (BARTHES, 1964).

Voltaire partilhava das ideias liberais e do pensamento racionalista, assim como defendia uma posição política anticlerical, sendo contrário ao domínio e poder da nobreza, da igreja, e sendo reconhecido por seu discurso crítico a estas e ao absolutismo, tendo sido sentenciado, e recolhido à bastilha em 1717, por haver desrespeitado o rei Luís XIV, através de seus versos. Entre outras obras, escreveu a tragédia “Édipo” e “O homem dos quarenta escudos” (BARTHES, 1964).

Queremos destacar, neste estudo, o capítulo denominado “Sífilis”, que faz parte do livro mencionado (Figura 2). Voltaire utiliza de ironia durante todo o decorrer do capítulo, e, ao final, mais uma vez coloca em evidência o fato de uma doença sexualmente transmissível, e relacionada com a prostituição se proliferar em uma Europa cristã, a ponto de provocar uma epidemia.

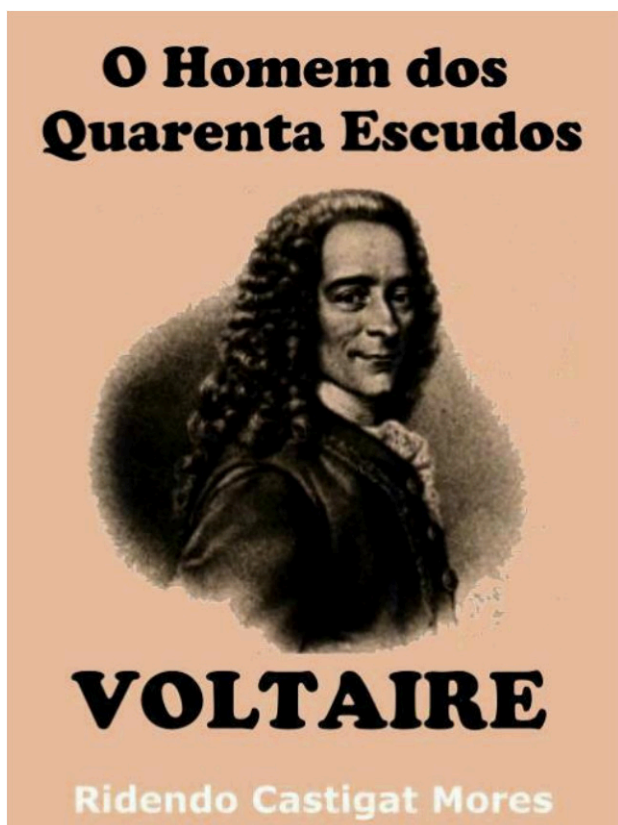


Figura 2 - O homem de quarenta escudos.

Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/escudos.pdf>

A seguir apresenta-se um trecho dessa obra renascentista, ainda contemporânea em nossos dias:

O homem dos quarenta escudos morava num pequeno cantão, onde fazia uns cento e cinquenta anos que não acampavam soldados. Os costumes, naquele desconhecido rincão, eram mais puros do que o ar que o banha. Não se sabia que alhures pudesse o amor ser infeccionado de um veneno destrutivo, que as gerações fossem atacadas no seu germe, e que a natureza, contradizendo-se a si mesma, pudesse tornar a carícia horrível e o prazer medonho; entregavam-se ao amor com a segurança da inocência. Chegaram tropas, e tudo mudou. Dois tenentes, o esmoler do regimento, um cabo e um recruta proveniente do seminário bastaram para envenenar doze aldeias em menos de três meses. Duas primas do homem

dos quarenta escudos viram-se cobertas de pústulas; caíram-lhes os lindos cabelos; a sua voz tornou-se rouca; as pálpebras de seus olhos fixos e apagados tomaram uma cor lívida, e não mais se fecharam para permitir repouso aos membros deslocados, que uma cárie secreta começava a roer como aos do árabe Jó, embora Jó jamais tivesse tido semelhante doença (VOLTAIRE, 1768, p. 91).

Essa obra literária apresenta-se como uma crítica sociopolítica, na qual são abordados diversos temas polêmicos no século XVI, e de uma forma contundente e mordaz, ele passa a investir contra autoridades, sejam políticas ou religiosas, e também contra os médicos (BARTHES, 1964). Este capítulo é totalmente dedicado à sífilis, e evidencia uma conversa entre o homem dos quarenta escudos e o cirurgião-mor. Eles discorrem sobre a forma como a sífilis chegou a Europa, como se disseminou, e atingiu de pobres a burgueses, cultos e incultos, nobres e clérigos, além de abordar aspectos relacionados à sintomatologia, e transmissão, e também explorar o fato de haver sido disseminada por meio dos soldados envolvidos com as guerras e a prostituição.

A sífilis, Ramon Casas e o cartaz do sanatório para sífilíticos

Ramon Casas i Carbó foi um pintor e caricaturista espanhol, nascido em 1886, e um dos expoentes do modernismo Catalão devido as suas contribuições na pintura e nas artes gráficas. Este cartaz abordando o tema da sífilis foi criado por Casas para promover o Sanatório de Dr. Abreu, localizado em Bonanova, e que oferecia tratamento especializado para sífilis (HERNÁNDEZ, 2016).



Figura 3 - Sífilis (Casas, 1900).

Fonte: Museu Nacional d'Art de Catalunya, Barcelona.
<https://www.museunacional.cat/es/colleccio/sifilis/ramon-casas/000360-c>

O cartaz criado em 1900 (Figura 3) se divide em três áreas distintas. Na parte superior, o nome sífilis aparece em destaque e o autor correlaciona o **S** inicial e o final da palavra ao formato de uma serpente. Com isso, busca explicitar o quanto virulenta, agressiva e perigosa a enfermidade pode ser. Ao centro, vê-se uma mulher pálida, emagrecida, coberta apenas por uma manta,

deixa à vista um braço com aparência de baixo tônus muscular, ela se apresenta de forma insinuante, leva em sua mão, à frente do corpo, uma flor, e segura na mão oculta atrás do corpo, uma serpente, como que representando a sedução e o prazer, porém ao mesmo tempo, a iminência do perigo, da enfermidade e da morte.

Na área inferior, Casas dá ênfase as palavras "Curación absoluta y radical", o que era bastante representativo, tendo em vista os números altos de morbidade e mortalidade da doença, e a indisponibilidade de tratamento verdadeiramente eficaz, sendo o mercúrio o único meio disponível no arsenal médico. Dessa forma, as palavras utilizadas tinham um extremo valor apelativo, pois representavam a esperança diante de um quadro tão difícil e de prognóstico incerto. Ainda nessa área inferior, podemos observar a mesma estrutura utilizada na parte de cima do cartaz, na qual Casas faz uso dos vários esses em formato de serpente, como que a concordar com a afirmação de Diaz de Ysla, que em 1539, empregou o nome mal serpentino e justifica: "...eu não posso pensar em outra coisa com a qual ela poderia ser naturalmente comparada do que com a serpente porque do mesmo modo que a serpente é um animal feio, repugnante e assustador, a doença é feia, repugnante e assustadora" (GERALDES NETO et al., 2009).

A sífilis, Edvard Munch e a Herança

Edvard Munch nasceu na Noruega, em Oslo, no final do século XIX, e é considerado o precursor do expressionismo alemão, um movimento de contraponto às normas burguesas, que propunha um novo padrão estético, no qual a realidade se apresentava de uma forma trágica e crítica em relação à ordem social dominante por meio da representação de imagens distorcidas, deformadas carregadas de sentimentos de angústia, tristeza e medo.

Considerada como a maior obra do expressionismo, "O grito", de Edvard Munch, foi uma pintura produzida em óleo e pastel sobre cartão, e retratava toda a sua dor e desespero presentes em toda a sua existência. De acordo com ele, o "desespero seria o final do amor". Sua vida foi marcada por perdas e enfermidades, e ele transportou toda essa carga simbólica para as suas obras. Munch perdeu a mãe e uma irmã, ainda jovem, em seguida, sua outra irmã foi diagnosticada com problemas mentais, seu avô foi diagnosticado com sífilis, e o próprio Munch foi uma criança enfermeira e chegou a procurar tratamento psiquiátrico quando adulto, por apresentar um quadro de perturbação e conflitos, além de diagnóstico de ansiedade, depressão e transtorno bipolar (AZEEM, 2015).

Outras de suas obras importantes, abordando a tristeza, o universo de patologias, foram a "Morte no quarto da doente" e a "A menina doente". Neste estudo, vamos nos ater a um quadro, que foi exposto no "Salão dos independentes", em Paris no ano de 1903, intitulado inicialmente como "Mãe" e, depois, renomeado como "Herança", que retratava uma mãe sífilítica e seu filho enfermo com sífilis congênita (Figura 4).



Figura 4 - Herança (Munch, 1889).

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edvard_Munch_-_Inheritance_-_Google_Art_Project.jpg

A cena, desesperadora e triste, nos remete a um aspecto importante, que é a forma distinta como Munch retrata mãe e filho, e a exposição dos sinais clínicos, resultado de um provável estudo de Munch acerca da sífilis congênita, durante visita ao Hôpital Saint-Louis na cidade de Paris, onde conheceu uma coleção em cera usada para o estudo de anatomia, incluindo uma peça de um recém-nascido com sífilis congênita, e na mesma ocasião, viu uma cena real, na qual uma mãe chorava ao lado de seu filho com sífilis (PERCIACCANTE; CORALLI, 2018). O quadro sofreu várias críticas, principalmente pelo fato de retratar uma infecção sexualmente transmissível, tabu na época. O quadro foi pintado, em torno de 1887 a 1889, e foi exposto em 1903.

A mãe e o ambiente são pintados em cores escuras, sóbrias que sugestionam uma atmosfera de dor e sofrimento. A cena se passa em uma sala de espera, onde a mãe sífilítica, angustiada, mortificada, chora sobre o fruto de um provável pecado de prostituição ou infidelidade, enquanto aguarda pelo veredito em relação ao seu filho. A mãe, bem vestida para os padrões da época, tem o filho em seu colo, mas não chega a tocá-lo, uma de suas mãos, segura um lenço delicado e fino próximo ao rosto como se estivesse a chorar, seu outro braço pende ao lado do corpo, indicando cansaço e desesperança. Ela é a própria imagem da tristeza, desespero e culpa.

O recém-nascido, desamparado e frágil, é o centro, o cerne de todo o quadro. Foi pintado em cores claras e brilhantes, como se estivesse sob um holofote, de forma a expor toda miséria humana concentrada em uma só criatura, produto de uma sociedade hipócrita. Munch denuncia, por meio da obra, o infortúnio dos recém-nascidos expostos à sífilis congênita. A criança é o fruto de uma relação sexual que culminou em uma enfermidade, e apresentada como se acabasse de vir ao mundo, totalmente desnuda, como a querer chocar a sociedade e lhe impingir esta culpa. Munch caracteriza a criança

com sinais de sífilis congênita, retratando-o magro, pálido, com lesões exantemáticas, secreção nasal, e nariz em sela. Toda a carga emocional desta obra tem sido revivida dia após dia, durante esses séculos, desde que se teve conhecimento acerca da doença. A cena continua atual e tem sido uma mancha de vergonha para a nossa sociedade. Hoje já não é admissível que uma criança venha ao mundo, abrigando em seu corpo a semente de uma IST, ou que venha a óbito fetal. A OMS tem conclamado os seus estado-membros a erradicar esse flagelo que se perpetua de geração em geração.

A sífilis, Joseph Sargent e Miss Evers' Boys

Giuseppe Danielle Sargent, mais conhecido como Joseph Sargent, foi um diretor americano, que atuou em televisão e cinema e dirigiu, em 1996, a obra ficcional "Miss Evers' Boys" (Figura 5), que se baseia na história real sobre um projeto de pesquisa realizado nos Estados Unidos, em Alabama, na cidade rural de Tuskegee, financiado pelo departamento de saúde pública do governo americano, entre os anos de 1932 e 1972. Esse estudo foi idealizado por um grupo de médicos, inicialmente para conseguir subsídios para continuar atendendo aos negros da região, que havia sido suspenso. O estudo "Tuskegee Study of Untreated Syphilis in the Negro Male", também patrocinado pelo governo americano, tinha o intuito de analisar os efeitos da sífilis em homens negros, e compará-los com relatórios de um estudo norueguês, com homens caucasianos, entre 1891 e 1910. O objetivo da pesquisa americana era estudar o curso natural de sífilis não tratada em homens negros e "a diferença no curso histórico e clínico da doença em negros versus brancos". Quatrocentos homens com sífilis foram inscritos no projeto, junto com 200 homens não infectados que serviram como controle (REVERBY; FOSTER, 2010). Mesmo

após o descobrimento e disponibilização da penicilina, na década de 1940, o tratamento não foi oferecido. Em 1969, o Centro de Controle de Doenças (CDC) manteve recomendação para continuar o experimento. Somente em 1972, após intensa campanha dos meios de comunicação, o estudo foi interrompido, e os sobreviventes receberam o tratamento adequado com a penicilina. Muito do significado do filme se baseia na ausência de princípios éticos no projeto de pesquisa, que, deliberadamente, apenas dispensou placebo para os pacientes portadores de sífilis, e não solicitou que através de um consentimento voluntário, os sujeitos de pesquisa se dispusessem a participar do experimento, violando o Código de Nuremberg, de 1947, que determina que a participação de um ser humano em pesquisas médicas só poderá ocorrer mediante consentimento voluntário dos sujeitos da pesquisa (REVERBY; FOSTER, 2010).



Figura 5 - Miss Evers' Boys (Sargent, 1996).

Fonte: <https://www.fnac.pt/mp11383847/warner-home-video-miss-evers-boys-dvd-dvd-2d-ingles>

O filme não tem a intenção de ser um documentário e utiliza de licença poética, na sua narrativa. É destacado o papel da enfermeira Eunice Evers, que na história real se chamava Eunice Verdell Rivers Laurie, que selecionada para trabalhar na pesquisa por sua influência sobre a comunidade negra, e também por ser de origem afro-americana. Seu conflito era a obediência às ordens médicas ou não causar danos aos seus pacientes. O dilema é percebido durante todo o desenrolar da trama, principalmente em seus diálogos com os médicos Dr. Douglas e Dr. Brodus, que alegavam ser o estudo, um benefício para a raça negra e para a ciência, e também com os seus pacientes. Seu conflito aumentava, a medida em que os sinais e sintomas dos pacientes se agravavam, trazendo incapacitação e até morte. Ela então racionalizava e se justificava de forma pragmática, afirmando que o seu envolvimento no projeto era de caráter temporário, que seria por uma boa causa, e que era necessário conseguir o recurso financeiro para o atendimento da população pobre e negra.

Durante quarenta décadas, essa equipe negou informações e tratamento, e permitiu, que os pacientes sofressem sequelas como, alterações ósseas, cardíacas e neurológicas, cegueira e também óbitos. O filme dirigido por Joseph Sargent oferece a possibilidade de discussão acerca de temas difíceis e dolorosos para a sociedade da época, como a discriminação racial, poder dominante da equipe de saúde sobre o paciente, papel da mulher enquanto profissional e ser social, ausência de uma política pública que reduza as desigualdades, e principalmente os aspectos morais e éticos nas relações profissionais e sociais, quando apresenta dois paradigmas que ainda hoje persistem na área da pesquisa que são racismo e abuso de sujeitos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, constatou-se a partir das obras apresentadas neste estudo, que foi possível compreender como o artista enxergava, analisava e retratava a sífilis em sua ação devastadora sobre indivíduos, e sua repercussão impactante na sociedade. As obras demonstravam que o objeto de estudo era conhecido e meticulosamente observado não apenas como uma doença física, mas também a partir de seu impacto social, religioso, científico e político.

Alguns desses artistas tinham contraído a enfermidade e/ou conheciam e se relacionavam com pessoas que eram portadoras do *Treponema Pallidum*, e deixaram um legado através de uma produção artística contextualizada nas mais diversas vertentes artísticas, acerca do desenvolvimento humano, principalmente no que se refere às relações humanas e seus desenlaces, que têm perdurado através dos séculos, como um contributo, fornecendo um panorama histórico, muitas vezes do discurso sociológico e ideológico de cada época representada. Em alguns casos, trazem à tona questões que permanecem atuais, como pobreza e riqueza, migração populacional e disseminação de doenças, polêmica quanto à discussão de temas que envolvem a sexualidade humana, desconfiança e ignorância frente ao conhecimento científico, populismo e fragilidade dos poderes frente às calamidades e incertezas de eventos não controláveis como a própria epidemia de sífilis que dizimou populações inteiras em determinadas épocas.

Pretendeu-se, neste trabalho, analisar, de forma muito sintética, mas objetiva e estruturante, como a sífilis influenciou e foi retratada por alguns dos principais expoentes das artes desde o seu descobrimento até os nossos dias. Para atender a este objetivo, optou-se por uma revisão bibliográfica acerca de autores e obras relacionados ao tema em questão, e o resultado obtido satisfaz os requisitos da questão principal deste

estudo de forma contundente, tendo-se observado que a sífilis esteve presente de forma direta ou indireta na produção artística e em várias especialidades, e foi ainda demonstrado como uma doença social pode sobressair-se do campo da ciência médica, e ultrapassar os limites das várias disciplinas do conhecimento científico e artísticos, trazendo impactos em vários segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Nélon Jahr. **O Homem dos Quarenta Escudos** (1768) Voltaire (1694-1778) Edição Ridendo Castigat Mores Versão para eBook.

AZEEM, Hina. The art of Edvard Munch: a window onto a mind. **BJPsych Advances**, v. 21, n. 1, p. 51-53, 2015.

BARTHES, Roland. El último escritor feliz. In: BARTHES, Roland. **Ensayos críticos**. Barcelona: Seix Barral, 1964. p. 113-20.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico de Sífilis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. v. 49, n. 45.

CELLINI, Benvenuto. **The Life of Benvenuto Cellini**. New York: Charles Scribner's Sons, 1902.

CLECKLEY, Hervey M. **The mask of sanity**: an attempt to clarify some issues about the so called psychopathic personality. Georgia: Literary Licensing, 1988. (Aware Journalism).

DE SOUZA, Elemir Macedo. A hundred years ago, the discovery of *Treponema pallidum* Há 100 anos, a descoberta do *Treponema pallidum*. **An Bras Dermatol**, v. 80, n. 5, p. 547-8, 2005.

GARCIA, Nélon Jahr. **O Homem dos Quarenta Escudos**: Voltaire. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/escudos.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

GERALDES NETO, Benedito et al. A sífilis no século XVI-o impacto de uma nova doença. **Revista Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 16, n. 3, p. 17-19, 2009.

HERNÁNDEZ, Francisco Javier Barbado. Arte y Ciencia: un relato común de las infecciones. **Medicina Narrativa**, v. 6, n. 2, 2016.

LOPES, Célia. **As mil caras de uma doença-sífilis na sociedade Coimbrã no início do século XX**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade d Coimbrã, Coimbrã, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/25835>. Acesso em: 25 jul. 2019.

MARADO, Daniela et al. Sífilis: uma causa rara de hepatite colestatíca. **Jornal Português de Gastreenterologia**, v. 20, n. 2, p. 70-73, 2013.

MORTON, Robert S. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 1. **Sexually Transmitted Infections**, v. 66, n. 1, p. 33-40, 1990.

PERCIACCANTE, Antonio; CORALLI, Alessia. The History of Congenital Syphilis Behind The Inheritance by Edvard Munch. **JAMA dermatology**, v. 154, n. 3, p. 280-280, 2018.

REMPELAKOS, L. *et al.* Syphilis' impact on late works of classical music composers. **Journal of Urology**. v. 360, p. E627, 2014.

REVERBY, Susan M.; FOSTER, Henry W. Examining Tuskegee: The infamous syphilis study and its legacy. **Journal of the National Medical Association**, v. 102, n. 2, p. 148-150, 2010.

STAMM, Lola Virginia. Syphilis: antibiotic treatment and resistance. **Epidemiology & Infection**, v. 143, n. 8, p. 1567-1574, 2015.

TSAY, Cynthia J. Julius Wagner-Jauregg and the legacy of malarial therapy for the treatment of general paresis of the insane. **The Yale journal of biology and medicine**, v. 86, n. 2, p. 245, 2013.

VOLTAIRE, A. **O Homem dos quarenta escudos**. 1768. Edição Ridendo Castigat Mores. Ebook. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/escudos.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

WOLF, Paul L. The effects of diseases, drugs, and chemicals on the creativity and productivity of famous sculptors, classic painters, classic music composers, and authors. **Archives of pathology & laboratory medicine**, v. 129, n. 11, p. 1457-1464, 2005.